

- Quer dizer que era uma santa senhora, não?
- Justamente. O Protonotário Cabral, se fosse vivo, confirmaria aqui o que lhe digo.
- Nem eu contesto a verdade, hesito só na fórmula. Conheceu então o protonotário?
- Conheci-o. Era um padre-modelo.
- Bom canonista, bom latinista, pio e caridoso, continuou o vigário.
- E possuía algumas prendas de sociedade, disse eu; lá em casa sempre ouvi que era insigne parceiro ao gamão...
- Tinha muito bom dado! suspirou lentamente o vigário. Um dado de mestre!
- Então, parece-lhe...?
- Uma vez que não há outro sentido, nem poderia havê-lo, sim, senhor, admite-se...

José Dias assistiu a estas diligências com grande melancolia. No fim, quando saímos, disse mal do padre, chamou-lhe meticoloso. Só lhe achava desculpa por não ter conhecido minha mãe, nem ele nem os outros homens do cemitério.

- Não a conheceram; se a conhecessem mandariam esculpir *santíssima*.

CAPÍTULO CXLIII

O último superlativo

Não foi o último superlativo de José Dias. Outros teve que não vale a pena escrever aqui, até que veio o último, o melhor deles, o mais doce, o que lhe fez da morte um pedaço de vida. Já então morava comigo; posto que minha mãe lhe deixasse uma pequena lembrança, veio dizer-me que, com legado ou sem ele, não se separaria de mim. Talvez a esperança dele fosse enterrar-me. Correspondia-se com Capitu, a quem pedia que lhe mandasse o retrato de Ezequiel, mas Capitu ia adiando a remessa de correio a correio, até que ele não pediu mais nada, a não ser o coração do jovem estudante; pedi-lhe também que não deixasse de falar a Ezequiel no velho amigo do pai e do avô, “destinado pelo céu a amar o mesmo sangue”. Era assim que